

A NECRÓPOLE ROMANA DO LARGO DAS FREIRAS EM CHAVES

THE ROMAN CEMETERY OF THE FREIRAS SQUARE IN CHAVES, PORTUGAL

Sérgio Fiadeiro Guerra Carneiro
ARQUEÓLOGO DO MUNICÍPIO DE CHAVES; SERGIOCARNEIRO@YAHOO.COM

Resumo: A escavação em área do Largo das Freiras em Chaves revelou a presença de uma necrópole romana baixo imperial escavada num nível de abandono que se sucedeu a uma área urbana da cidade de Aquae Flaviae. Depreende-se das evidências apresentadas uma contracção urbana no séc. III. A Localização desta necrópole é enquadrada em outros achados romanos de cariz funerário conhecidos na cidade.

Palavras-Chave: Necrópoles Romanas, Baixo-império, Contracção urbana, Séc. III d.C., Sidónio Apolinário.

Abstract: *The open area excavation of a Square in the city centre of Chaves revealed the presence of a late roman cemetery dug on a sterile layer that deposited over a 2nd. century A.D. wall. The evidence presented allows us to infer an urban contraction during the 3rd. Century A.D. The location of this site is analysed in conjunction with the other known roman burial sites in the city.*

Keywords: *Roman Cemeteries, Late Empire, Urban contraction, 3rd. Century A.D., Sidonius Apollinarius.*

Introdução

A intervenção arqueológica no Largo General Silveira em Chaves, vulgarmente conhecido como Largo das freiras, teve lugar entre Maio de 2000 e Setembro de 2001, em sequência do projecto de construção de um parque de estacionamento subterrâneo promovido pela autarquia.

Com o objectivo de minimizar o impacte sobre o património, foi elaborado um plano de intervenção que consistia na abertura de sondagens prévias para a avaliação estratigráfica do local, seguidas de escavação em área.

Na primeira das sondagens prévias planeadas, detectámos a presença de uma

sepultura estruturada em tégulas formando duas águas (S1[5]=A1[50]), pelo que se optou por avançar de imediato para a escavação em área, seguindo o método vulgarmente conhecido por Barker/Harris¹ de grande parte da placa central do Largo (*vide* fig. 1: Planta de Localização).

Dado que existia um aterro de saibro colocado em 1930 aquando da construção dos edifícios do quartel dos bombeiros e do Liceu, começámos por o remover mecanicamente, sob o qual encontrámos a seguinte seqüência de ocupação.

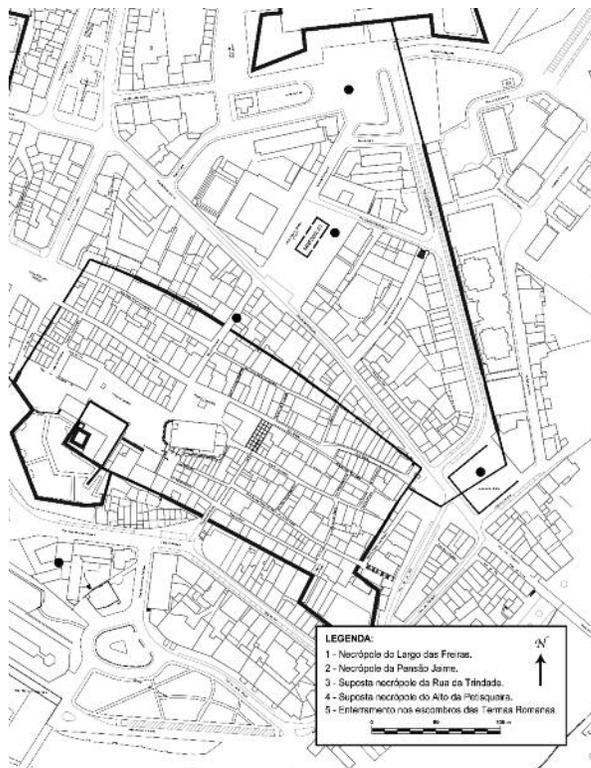


Figura 1. Planta de localização

Fases de ocupação:

1. Contemporânea:

vestígios de um muro de divisão de propriedades ([1]); solo agrícola anterior ao aterro de 1930 ([2]).

2. Moderna: conduta de saneamento com paredes em alvenaria pobre de pedras e argamassa amarela torrada, fundo em calçadinha de seixos e pedras graníticas pequenas e tampas compostas por grandes pedras graníticas toscas, esta conduta integra-se nas obras de reforço da Praça-forte posteriores à Restauração; valas de lixo e restos de combustão e respectivos enchimentos relacionados com o convento que deu o nome à praça, mais tarde transformado em Liceu.

3. Romano baixo imperial: sepulturas estruturadas em tegulae e laterae, sepultura simples em covacho e respectivos enchimentos.

4. Fase de abandono: camada estéril onde foram escavadas as sepulturas.

5. Romano alto imperial: camada; muro, e respectivos derrubes.

Debruçamo-nos em seguida sobre as fases 3 a 5, respeitantes ao período romano enquadrando-as no conhecimento existente sobre a cidade de Aquae Flaviae.

A ocupação Baixo-imperial: necrópole e área não edificada adjacente

Em toda a área escavada apenas foram detectados três enterramentos, concentrados no extremo Norte, um dos quais em covacho simples (u.e. [53]), a mais humilde das formas de inumação presentes nas necrópoles romanas deste tipo (TOYNBEE, 1971, p. 101) e dois sob a forma de sepulturas estruturadas em tégula. Destas, uma ([50]) era composta por quatro tégulas de cada lado formando duas águas e duas de fecho nas extremidades, num total de dez, sendo que a da extremidade SE havia sido deslocada para uma deposição secundária, como explicaremos mais abaixo; e a outra ([51]) constituída por uma caixa de secção quadrangular com três tégulas formando cada um dos lados, duas tégulas inteiras e dois fragmentos servindo de cobertura, duas inteiras e um fragmento formando o fundo e uma tégula de fecho em cada um dos extremos. Este tipo de inumações, recorrendo a tégulas para a estruturação da sepultura, e, em especial as de secção prismática, é recorrente por todo o império, e especialmente generalizada a partir do séc. IV, da sepultura *q* da necrópole do Vaticano, perto do túmulo de S. Pedro (TOYNBEE e PERKINS, 1956, p. 143, fig. 12) às ne-

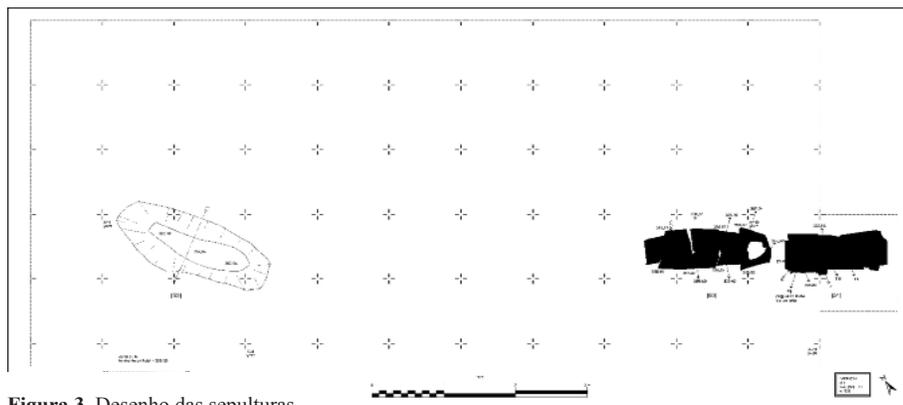


Figura 3. Desenho das sepulturas

crópoles de York (RCHMY, 1962, est. 28, em cima) ou a Rheinzabern (KOEPP e DREXEL, 1924, est. 37, fig. 2). No actual território português, podemos citar, pela sua proximidade, os casos da Sepultura E1 - zona D3- e da E3 - zona 15, no núcleo da Cangosta em Braga, esta última de secção quadrangular (MARTINS e DELGADO, 1989/90, p. 107, figs. 51 e 53); ou a sepultura C6 (49) de Gulpilhares (LOBATO, 1995, p. 37, est. XXXV, fig. 1).

Nenhuma das três sepulturas identificadas continha já espólio osteológico, apenas se percebendo uma coloração ligeiramente mais clara, grão mais fino e consistência mais compacta na parte do enchimento das sepulturas onde estariam os ossos.

Nenhuma das sepulturas continha mobiliário funerário de cariz votivo ou de adorno e o escasso número de pequenos fragmentos cerâmicos exumados estão associados ao preenchimento pós-deposicional das estruturas provindo, portanto, da camada anterior à abertura das valas sepulcrais e não nos servindo para datar as mesmas. Foi encontrado um prego proveniente do topo Este de [52] (enchimento da sepultura [51]), entre as tégulas t3 e t7 (*vide* fig. 3) que, por ser um caso isolado, não podemos interpretar como vestígio de um eventual ataúde em madeira.

No momento de atribuímos uma cronologia a este conjunto de sepulturas, estamos, assim, limitados à sua tipologia e ritual de enterramento. Em primeiro lugar, o facto de estarmos perante uma necrópole de inumação dá-nos um *terminus ante quem* do séc. II d.C., altura em que este tipo de ritual se generalizou pelo império (Cf. MORRIS, 1992 pp. 42-69). Mas outros factores podem dar-nos uma cronologia mais fina, como a ausência de deposições votivas e a utilização de tégulas formando duas águas. Ambas as características são típicas do baixo Império. Nas necrópoles de Braga, MARTINS e DELGADO (1989/90, p. 107) atribuem uma cronologia do séc. IV às sepulturas deste tipo, baseando-se para tal em paralelos de Tarragona.

As três sepulturas desenvolvem-se ao longo do mesmo eixo (aprox. NW-SE), o que parece indicar uma organização do espaço em função de uma via ou de um limite urbano. Não existe em nenhum dos casos uma diferenciação da cabeceira, o que, na ausência de restos osteológicos, nos impede de perceber para que lado estariam voltados os indivíduos.

Como dissemos anteriormente, a tégula de fecho SE da sepultura [50] encontrava-se encostada à tégula T6 de [51] (*vide* fig. 3 e foto em fig. 2). Quando



0021021: Sepulturas estruturadas: 1 – sepultura em régua formada pelas peças [50] tal como foi descoberta na escavação 1, vista para a direita do fundo 300°; 2 – sepultura [51] estruturalmente idêntica, vista de escavação para cima e parte da sepultura em régua formada pelas peças [52]; 3 – registo da régua do fundo SE de [50] e [51]; a moeda colocada ao lado de [51], à posterior da régua de fecho [52] encostada ao lado S de [51]; 4 – sepultura [51] integralmente visível após simplificação da área de escavação.

Figura 2. Ilustração das sepulturas

da escavação da vala de implantação da sepultura [51], os “coveiros” terão dado com o extremo SE da sepultura [50] e removido cuidadosamente a tégula de fecho, sem a partir, e, após construírem a sua sepultura, recolocado a tégula ao lado da nova estrutura sepulcral e tapado a vala. Desta reconstituição das acções deposicionais podemos inferir:

- Que a sepultura [50] já não tinha qualquer modo de identificação, fosse uma estela ou um simples monte de terra, quando se abriu a sepultura [51].

- Que o sentido de *pietas* dos construtores da sepultura [51] estava ainda plenamente dentro do *mos romanorum*, e em respeito (ou temor) à lei.

Esta situação pouco comum permite-nos vislumbrar um pouco para além da aridez habitual dos resultados de escavação das necrópoles desta época e entrar no território habitualmente vedado dos comportamentos e mentalidades.

Numa das suas cartas (*Epist.*, III, 12), dedicada ao seu sobrinho Segundo e escrita cerca de 469 d.C. (segundo a cronologia estabelecida por LOYEN 1970, vol. 2), Sidónio Apolinário (DALTON, 1915, pp. 63-86) descreve uma situação que nos traz alguma luz sobre o que se terá passado: A caminho de Arvernum (ou Augustonemetum Arvernorum, actual Clermont-Ferrand), Sidónio presencia um espectáculo que o enche de dor: um grupo de pessoas está prestes a enterrar um corpo na mesma necrópole e no preciso local onde jaz o seu avô Apolinário, prefeito das Gálias. A sepultura está já parcialmente aberta quando Sidónio se precipita para o local e administra sumariamente a justiça aos ímpios espancando-os², ainda que admita que estes não tinham sido movidos por má fê, já que a necrópole estava, havia muito, abandonada por já estar cheia de cinzas de incinerações (*bustualibus favillis*) e corpos inumados (*cadaveribus*). Além disso, a sepultura do avô de Sidónio já não tinha nada que a diferenciasses, por as chuvas e o peso das neves terem suavizado a elevação de terra que a demarcava. A carta

prosseguir com o seu objectivo principal, ou seja, apresentar o poema que Sidónio pretende que seja colocado na estela funerária do seu avô, mas o que nos interessa quanto ao quadro mental da época no que se refere a enterramentos secundários e à importância do respeito pelas sepulturas, fica também dito.

Para além desta necrópole, existem outras quatro áreas de enterramento de cronologia romana referenciadas para a cidade de Chaves (*vide* fig. 1 – Planta de Localização):

- A Necrópole Romana da Pensão Jaime, inventariada pelo Instituto Português de Arqueologia com o nº CNS14291, foi detectada nas escavações preventivas das obras de ampliação do estabelecimento hoteleiro epónimo. A intervenção foi dirigida por João Paulo Guinea Barbosa e infelizmente não se encontra ainda publicada. Da ficha de sítio presente na base de dados do Ministério da Cultura (Endovélico) podemos inferir que se tratava de uma necrópole de incineração e inumação, o que pode indicar uma longa diacronia de utilização do espaço.

- RODRÍGUEZ COLMENERO (2000, pp. 60 a 66) refere a existência de uma Necrópole Romana no alto da Petisqueira, sem no entanto avançar mais pormenores. Trata-se da proveniência atribuída de três inscrições funerárias cujo paradeiro se desconhece: a) Inscrição a Pictelancea. Inventariada pelo IPA com o nº CNS24392. Referida inicialmente por BARROS (1919 [Ms. Original de 1549]), sem indicar a procedência do monumento, e posteriormente publicada por ARGOTE (1732) como sendo oriunda da Petisqueira³; b) Inscrição a Laucia. Inventariada pelo IPA com o nº CNS24393. Referida por BARROS (Op. Cit.) como procedendo da Petisqueira⁴; c) Inscrição a Colena. Inventariada pelo IPA com o nº CNS24394. Referida por ARGOTE (op. cit.) como tendo vindo da Petisqueira⁵. Não há notícia de terem aparecido enterramentos no local.

- Na mesma obra RODRÍGUEZ COLMENERO (2000, *idem*) avança a possibilidade da localização de uma outra necrópole romana na Rua da Trindade, por aí ter aparecido uma inscrição funerária durante uma escavação de salvaguarda, no âmbito da reconstrução de uma casa, dirigida por Armando Coelho da Silva e Rui Centeno. Tanto quanto pudemos apurar, na referida intervenção (mais uma vez, por publicar) não se detectou qualquer sepultura, correspondendo a referida epígrafe, provavelmente a uma reutilização como material de construção.

- Nas recentes escavações do balneário termal romano do Largo do Arrabalde, por nós dirigidas apareceu uma sepultura de inumação romana estruturada em caixa de telhas, escavada nos destroços da ruína da abobada que cobria uma das piscinas do edifício. Dado que a sepultura estava ao lado de uma das valas de violação do sítio e que apareceram outros esqueletos sob os escombros da referida abobada, interpretamos este enterramento como um caso circunstancial relacionado com a derrocada do edifício termal e não como correspondendo a uma área de necrópole habitual da cidade romana.

Assim, se descartarmos como necrópoles as do Alto da Petisqueira e da Rua da Trindade, possíveis locais de deposição secundária de epígrafes funerárias, e se pusermos de lado o Largo do Arrabalde, enterramento isolado e circunstancial, restam-nos duas necrópoles comprovadas: a da Pensão Jaime e a do Largo das Freiras, localizadas nos extremos Norte e Sul do mesmo eixo da cidade romana.



localizadas nos extremos Norte e Sul do mesmo eixo da cidade romana.

Os níveis e estruturas Alto-Imperiais

Sob a camada de terra argilosa castanha amarelada onde foram abertas as sepulturas, detectou-se um muro com cerca de doze metros e meio de comprimento.

Figura 4. Foto [67] e [68]



Figura 4. Desenho [67] e [68]

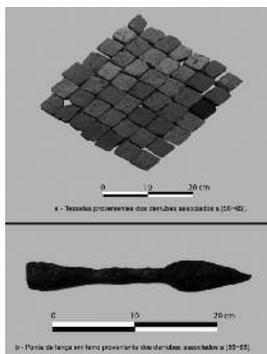


Figura 6. Tesselas e dardo

mento por uma média de sessenta centímetros de largura, constituído por dois paramentos de pedras graníticas de tamanho médio toscamente aparelhadas na face exterior e preenchidos com pedras pequenas, fragmentos de cerâmica e vestígios de argamassa pobre de base argilosa (*vide* fig. 4).

Apenas se conservava uma fiada das pedras deste muro, que embora se assemelhasse em largura e fábrica a muitos outros de arquitectura civil romana encontrados nas diversas escavações da cidade (Cf. CARNEIRO, 2003 e 2005), constituía, pelo seu comprimento inusitado e pela ausência de subdivisões ou vestígios de vãos, uma realidade diferente da divisão em *insulae* detectada noutras partes da cidade.

Os materiais encontrados nas camadas associadas a esta estrutura encontravam-se muito erodidas e roladas, provavelmente devido ao facto de o local se encontrar no *thalweg* entre o Alto da Petisqueira e a colina do Castelo o que terá exposto o local a enxurradas periódicas. A própria estrutura, que apresentava, como se disse, uma única fiada de pedras conservada, estava interrompida no ponto mais baixo do terreno, sensivelmente a meio do alinhamento, encontrando-se as pedras dessa lacuna depositadas em escorrimento no sentido descendente, o mesmo se passando com a maioria dos derrubes de pedras e fragmentos de cerâmica de construção em cujo contexto foram recuperados numerosos fragmentos de *terra sigillata* com uma cronologia que vai do último quartel do séc. I d.C. às primeiras décadas do séc. II d.C. (*vide* o art. de Rui Lopes neste volume).

Surgiram, ainda, nos mesmos derrubes, tesselas cerâmicas em losango com cerca de cinco centímetros de lado (*vide* fig. 6a, com uma proposta de montagem), que indicam a presença de um pavimento tesselado, e uma ponta de lança em ferro (fig. 6b) que individualmente é pouco fiável como indicador de um contexto militar (sobretudo não se tratando de um *pilum*, o tipo de lança mais comum nos corpos regulares o exército).

Trata-se, provavelmente, do muro de delimitação de uma área aberta, para a

extrapolação de cuja funcionalidade não dispomos de elementos suficientes, mas que estaria ainda, de acordo com o espólio encontrado, dentro da área urbana.

Conclusões

Os dados apresentados permitem-nos inferir que, nesta área da cidade romana de *Aquae Flaviae*, ocupada no final do séc. I, inícios do II d.C. por uma extensa construção, houve um período de abandono a que se seguiu a localização de uma necrópole, provavelmente em torno ao séc. IV.

Dado que os enterramentos no interior das cidades estavam proibidos pelas XII tábuas, esta havia-se tornado uma área exterior à urbe romana.

Fica, assim, demonstrada uma contracção da cidade entre os séculos II e IV d.C., repetindo a imagem que temos do pano de fundo do séc. III d.C., sobretudo nas províncias ocidentais do Império (Cf. CAMERON, 1993, p. 10 e para a Hispânia: GÓMEZ FERNÁNDEZ, 2006). Ao nível regional, podemos citar o caso de *Lucus Augusti* (ARIAS VILAS, 1977), que vê construídas as suas muralhas nesta altura, e consideravelmente reduzida a área urbana.

Bibliografia

- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1732), *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Lisboa
- ARIAS VILAS, F. (1977), “Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Lugo, agosto 1973” in *Noticario Arqueológico Hispánico*, V, pp. 47-53, Madrid.
- BARKER, Philip (1993), *Techniques of Archaeological Excavation*, 3ª ed., Londres.
- BARROS, João de (1919) [Ms. Original de 1549], “Geographia d’Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes” in, *Colecção de Manuscritos Inéditos Agora Dados à Estampa*, Porto.
- CAMERON, Averil (1993), *The Later Roman Empire*, Harvard.
- CARNEIRO, Sérgio (2005), “Sondagens no Interior da Cerca Medieval da Cidade de Chaves”, in *Aquae Flaviae*, n.º 33, pp. 11 a 65.
- 2003, “Excavations in the County Gaol of Chaves”, in VILA, Xurxo M. Ayán, et aliae, *Archaeotecture – Archaeology of Architecture*, BAR International Series 1175, Oxford.
- DALTON, O. M. (ed. & trad.) (1915), *The Letters of Sidonius*, Oxford.
- GÓMEZ FERNÁNDEZ, Francisco José (2006), “La decadencia urbana bajoimperial en la diócesis Hispaniarum: la primacia del argumento del declive, sobre el de la metamorfosis ciudadana” *Hispania Antiqua*, Número 30.
- HARRIS, Edward C. (1989), *Principles of Archaeological Stratigraphy*, 2ª ed., Londres.
- KOEPF, Friedrich e Friedrich DREXEL (1924), *Germania Romana. Ein Bilder-Atlas*, 2ª ed., Bamberg.
- LOBATO, Maria José (1995), “A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)”, in *Portugalia*, nova série, vol. XVI, Porto.
- LOYEN, André (1970), *Sidoine Apollinaire. Poèmes et lettres*, Paris
- LUETJOHANN, Christianus (ed.) (1887), *Gai Sollii Apollinaris Sidonii epistulae et carmina, recensuit et emendavit*, Berlim.

MOMMSEN, Theodor (ed.) (1905), *Theodosiani Libri XVI, Cum Constitutionibus Sirmondianis*, Berlim.

MARTINS, Manuela e Manuela DELGADO (1989/90), “As necrópoles de Bracara Augusta A. Os dados arqueológicos.”, in *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Volumes 6/7, Braga.

MORRIS, Ian (1992), *Death Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*, Cambridge.

RCHMY, Royal Commission on Historical Monuments (England) (1962), *Eburacum, Roman York, an Inventory of the Historical Monuments in the City of York*, 1, Londres.

REECE, Richard (1977), “Burial in Latin Literature: Two Examples” in, *Burial in the Roman World*, pp. 44 – 45, CBA Research Report, N° 22, Londres.

RODRIGUES COLMENERO, António (1997), *Aquae Flaviae. I – Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Romana*, Chaves

2000, *Aquae Flaviae. II - O Tecido Urbanístico da Cidade Romana*, Chaves

TOYNBEE, J. M. C. (1971), *Death and Burial in the Roman World*, Londres.

TOYNBEE, J. M. C. e J. B. Ward PERKINS (1956), *The Shrine of St. Peter and the Vatican Excavations*, Londres.

¹ BARKER (1993) HARRIS (1989).

² O Código Teodosiano proscree o suplício para este crime, MOMMSEN (1905, Vol. I, pt. ii, pp. 463 e seg.; II, p. 114). Sidónio administra a justiça pelas próprias mãos justificando-se com uma figura legal das XII tábuas: o *Iure Coesus* (*Si aliquis occidit, iure coesus esto*), citada frequentemente por autores latinos como Tito Lívio, Tácito, Séneca, etc. Trata-se do direito de um cidadão a matar um ladrão que entre em sua casa durante a noite e seja apanhado em flagrante delito.

³ *pictelancea pictelanci filia a(nnorum) / xxx h(ic) s(ita) e(st) emelus f(aciendum) c(urauit)ae / rar(io). frater modestus / p(osuit)*. Leitura de RODRÍGUEZ COLMENERO (1997).

⁴ *laucia maturi f(ilia) caladua / saqua a(nnorum) l h(ic) s(ita) e(st) f(rater) f(aciendum) c(urauit) ma / xumus s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*. (*id.*).

⁵ *d(iis) m(anibus) / visala reburri (filia) <> ambau(m) colen(ae) / filiae pientissimae et neopotibus / suis d(e) s(uo) fec(it)*. (*id.*).

TERRA SIGILLATA DA NECRÓPOLE ROMANA DO LARGO DAS FREIRAS, CHAVES

*TERRA SIGILLATA FROM THE ROMAN CEMETERY OF THE “FREIRAS
SQUARE”, CHAVES*

Rui Lopes

CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES, RUI.LOPES@CM-CHAVES.PT

Resumo: A *terra sigillata*, objecto desta publicação, integra a totalidade dos fragmentos de *terra sigillata* da escavação arqueológica realizada em 2000 pela Câmara municipal de Chaves no Largo General Silveira, vulgarmente conhecido como Largo das Freiras, do centro histórico da Cidade de Chaves, sob a direcção do Dr. Sérgio Carneiro. A maioria dos fragmentos analisados provem de unidades estratigráficas preservadas, o que nos permite contextualizar cronologicamente os vestígios exumados. Neste estudo é feita a análise pormenorizada de 778 fragmentos de terra sigillata, a identificação da forma e a descrição exaustiva de cada peça, o que permite indicar as cronologias e a proveniência das importações.

Palavras-chave: Terra Sigillata; Formas; Cronologia; Aquae Flaviae.

Abstract : The object of this publication is the *terra sigillata* assemblage from the archeological excavations carried through in 2000 by city council of Chaves at the General Silveira square, commonly known as “Largo das Freiras”, under the supervision of Sérgio Carneiro. Most of the fragments under study come from archaeological features found *in situ*. This study analyses the 778 fragments in detail, identifying the form and thoroughly describing each one, allowing the chronological contextualization of the features excavated and shedding light on the imports of Aquae Flaviae.

Keywords: Terra Sigillata; Forms; Chronology; Aquae Flaviae

1. Metodologia

1.1. Proveniência e composição da amostra

No presente trabalho foram inseridos a totalidade dos fragmentos provenientes da intervenção arqueológica realizada em 2000 no Largo General Silveira¹ do centro histórico de Chaves.

A necessidade do estudo destes materiais deve-se ao facto deste tipo de material permitir em comparação com outros uma datação pormenorizada das

unidades estratigráficas. Por outro lado há uma preocupação em dar continuação ao estudo anterior sobre as *sigillatas*, também de intervenções arqueológicas do centro histórico (CARNEIRO e LOPES, 2005). Estes tipos de estudos permitem comparar a percentagem dos vários fabricos, pois estes dados são importantes sobretudo quando comparados com outras localidades.

Esta amostra é composta por 778 fragmentos de sigillata, dos quais 753 são de fabrico hispânico e 25 de fabrico sudgálico. Todos os fragmentos estão referenciados pelo nº de peça, pelo acrónimo dado à intervenção arqueológica e pela unidade estratigráfica.

1.2. Critérios de quantificação

Existem diversos métodos de quantificação de sigillatas, uns dão mais importância à classificação tipológica como é o caso de S. Cucufate, onde foi inserido no estudo apenas as peças que permitiram a identificação da forma (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET, 1990), no caso de Represas foram contabilizados os fragmentos que permitiram uma atribuição de forma, mas também os fragmentos de bordo e pança indeterminados (LOPES, 1994). Neste trabalho tal como no anterior (CARNEIRO e LOPES, 2005) inserimos todos os fragmentos de sigillata provenientes das escavações, mesmo aqueles mais diminutos. Todos estes fragmentos provêm de contextos estratigráficos preservados.

1.3. A ficha

Para facilitar o acesso à informação do inventário cerâmico e o manuseamento da mesma elaborou-se uma ficha para cada peça. Esta funcionou como uma espécie de “*bilhete de identidade*” da peça, que permitiu a criação de uma base de dados, a qual contém os elementos fundamentais para a caracterização de uma peça.

A ficha é composta por vários campos ordenados de acordo com o grau de importância dos elementos de caracterização. No primeiro campo teve-se em conta a identificação da peça, o sítio e o local de armazenamento, de acordo com o registo do inventário geral do Gabinete de Arqueologia de Chaves. O segundo campo destina-se à descrição da peça, onde consta o fabrico, a possível cronologia, o nº de fragmentos, a descrição da pasta e verniz, a classificação tipológica, os elementos decorativos/grafitos, a oficina e por fim a descrição morfológica da peça.